

& etc

Carlos
Eurico da Costa

a Cidade de Palagüin



Do Autor

Sete Poemas da Solenidade e Um Requem

Edições Árvore, 1952. Prólogo de Mário Cesariny de Vasconcelos (esgotado).

Aventuras da Razão

Colecção «Círculo de Poesia». Moraes Editora, 1965.

A Fulminada Imagem

Colecção «Poesia, Ensaio, Teatro». Editorial Estampa, 1968. Prefácio de Alberto Ferreira (esgotado).

Os Poemas Inundados de Ibrahim Caúl

Edição do autor, Madrid, 1972. Ilustrações de SIRRUSH Banzéht (fora do mercado).

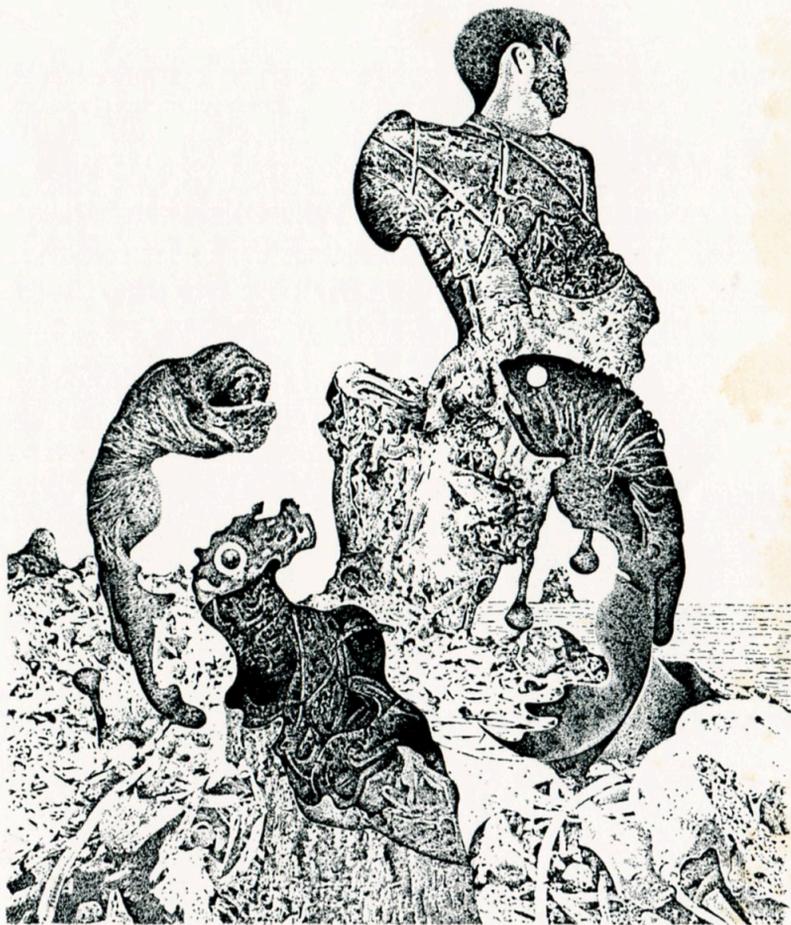


Doze Jovens Poetas Portugueses

Antologia. Edição do Ministro da Educação e Cultura do Brasil. Rio de Janeiro, 1953. Selecção e prefácio em colaboração com Alfredo Margarido (esgotado).

Os Melhores Contos Fantásticos

Colecção «Os Melhores Contos». Selecção e tradução; prefácio de J. Natividade Gaspar. Editora Arcádia. 1.^a edição, 1959; 2.^a edição, 1967.



A CIDADE DE PALAGÜIN
de Carlos Eurico da COSTA

é uma edição & etc
produzida por Publicações Culturais Engrenagem, Lda.
— Rua da Emenda, subterrâneo 3, 1200 Lisboa; telef. 37 1955

Copyright: do Autor
Capa e «hors-texte»:
Carlos Ferreiro



O NETO - PRÓLOGO

«A Volta do Filho-Prólogo» — como intitulava Cesariny as suas palavras de abertura (com a chave de 1952) para *Sete Poemas da Solenidade e Um Requiem*. Do que então dizia, já muito tempo lhe escorreu em cima. E daí que, agradecendo ao poeta, me dispense de as colocar de novo na parte em que este livro reproduz aqueles poemas.

«A Cidade de Palagüin» foi fundada em 1949, ano em que nasceu o Grupo «Os Surrealistas» com todas as sequelas conhecidas: encontros e desencontros, estatuto de ser ou não ser surrealista, apropriação de mitos «maiores e menores», seguidos da inevitável profissionalização — que é o grande mal dos mitos, com suas metástases sociais e humanas, como já vimos.

Poesia datada? Que o seja. De há trinta anos ou de há um ano aqui está reunida. Uma da gaveta, outra da dispersão impressa, outra de livro, ou de agora. Se a penso e sinto, não a renego. Faço-a.

Ter um «estatuto» de surrealista em 1949, com todo o seu ardor protestatário sobre os valores convencionais e os outros que nos cercavam (o fascismo) era o ser-se coerente e lúcido: uma *forma de luta*. Limitada? Elitista? Posteriormente «reformista»? É com a consciência (ou indiferença) de cada um — e o julgamento dos outros.

O mal é quando as coisas ou gentes, como dizia Aragon, começam a ficar *acacadémicas*. Ai já ninguém se salva da burguesa caspa, das benesses maiores ou menores, enfim, da poltrona com as molas do passado num estofo encoirado para o futuro, para o bem e para o mal.

Movimento, acção, que teria sentido prolongar no Portugal de 53 ou 54? Ou, caldeada a experiência, procurar outras vivências de um quotidiano que, de tão cruel, feroz e alucinado nos atirava para caminhos diferentes?

Interrogações para a história de um acto colectivo de jovens que, limitados no seu espaço e tempo, provincianamente lisboetas, tentavam escrever nos muros do futuro os *grafitti* que só vimos — ou gravamos — mais de vinte anos depois no grande calor da Liberdade.

É que há engenheiros que se dizem poetas; e poetas que se tomam por engenheiros; é que há alienados que se dizem coerentes — e há coerentes alienados; homens trôpegos-de-mente com rótulo de historiador, e historiadores debatendo-se no inferno da verdade; há os que mentem sorrindo e há os que, crispados, não mentem; há os que catam despojos com ar displicente e os que são despojos revolvendo-se, impotentes, na tumba.

Deste carnaval — onde as juras, as palavras, os actos contidos e incontidos, a honestidade mínima, o ardor de ser interveniente, a catarse de uma vida colectiva são banidos — o que nos resta nas mãos se as não purificarmos exorcizando o futuro?

Vales, Verão de 1979

Para Severino,
meu pai,
que me ensinou a estar
no futuro

A CIDADE DE PALAGÜIN

*La poésie n'est pas la tempête, pas plus
que le cyclone. C'est un fleuve majes-
tueux et fertile.*

ISIDORE DUCASSE

*Dans les abîmes de l'être inconnu
je te vois mon amour
mon enfant perdu dans la mer...*

PALAGÜIN é a cidade que nasce onde principia o Mar de Pedra e acaba à noite. Acaba todas as noites.

Para a descoberta do supremo mito e dos signos cabalísticos de Salomão desde há séculos vagueia nas ventosas escarpas do norte um homem.

A todos os instantes-espaço revivifica-se na fórmula einsteiniana, quando uma partícula de esperma é transportada pelo vento e toca a espuma do mar.

Não como Vénus, mas por um princípio estritamente biológico, autofecunda-se. Nasce um feto em forma de bicicleta, bicicleta de pano envolta num manto verde que nas noites intermináveis lhe serve de alimento e de camada protectora.

Desloca-se lento. O seu corpo é na cidade de Palagüin. Corre à tarde sob o sol escaldante por uma longa rua deserta, as sombras dos seus deuses per-

seguem-no lenta mas persistentemente. Por vezes pára, aspira um perfume áspero de flores brancas que brotam de dedos rígidos emergindo do solo vítreo. Depois, reata a fuga.

As crianças de Palagüin nascem nas escadas em ruínas dos castelos medievais. Em percentagem certa, doseada com escúpulo, são devoradas de manhã por monstros roxos, semelhantes a vorazes lagartas.

A vida repete-se e através dos milénios é um ponto no espaço a sorver doses infindáveis de caracteres tipográficos. Mais tarde vomita-os transformados em cabelos azuis.

Na cidade de Palagüin conta-se o tempo por garrafas semi-cheias. Invertidas, servem de plano inclinado onde os traidores carregam densos cubos de areia.

Os habitantes vivem em luvas que devoram parcimoniosamente. O rio à 47.^a garrafa-dia inunda a cidade e faz morrer a vida: só a vida Instante-Milénio. Estrelas em forma de seios cruzam de lés-a-lés o céu. A noite cai, instantânea. A noite-biciclete-de-pano-verde.

Soam as trombetas de caça, os monstros recolhem-se às nuvens.

O homem surge. Nas mãos tem olhos que se transformam em aves. Despertam e voam ansiosas para os

sexos de pedra — emblema totémico de todos os templos.

As virgens desnudam-se, ofertam-lhes o corpo.
Dum lado a Luz, do outro a Sombra.

O homem aparece há séculos, a todos os instantes, vivo e morto. Com a bicicleta de pano verde troca gestos de desespero. É a condenação para todos os tempos.

Eu, de 6.753 garrafas de idade, estou registado como cidadão n.º areia-pantera da cidade de Palagüin. Significa que passeio à noite pelas sebes das linhas férreas, meu local predilecto para encontros amorosos. Segue-me uma multidão de esqueletos de insectos e, na verdadeira acepção da palavra, sou uma bicicleta de pano verde.

GRITO POR TI TODAS AS NOITES
MINHA CRIANÇA PERDIDA NO MAR.

2

SERÁ pelo simples facto de uma criança loira desfilar por um corredor sombrio — olhos brilhantes a ver um rio na sua mais alta profundidade; será pelo facto de haver uma espinha dorsal de montanhas arroxeadas, assombradas à noite pelo meu fantasma nu a vaguear em procura do grande silêncio que eu, simultânea e homogeneamente a cidade de Palagüin, a bicicleta de pano verde, o planeta Uclon e Tu meu supremo mito, flor molhada de lágrimas violentas, acaricio duas silhuetas esguias e grito

porque beijo na rua a mulher que quero, porque passo para assustar, a todas as horas, rodeado pelo meu séquito de loucos

porque a minha fúria é única e eu o único ser vivo em paisagem povoada de animais indefinidos, brancos e vorazes — para me divertirem correm velozmente até um bloco de granito negro onde se esfacelam, transformando-se numa massa informe a crescer e a acumular-se

espero a aniquilação, trespassa-me de lado a lado um estilete de vidro paralelo ao solo

guardo há vários minutos, porque os milénios passaram e já percorri o cosmos de lés-a-lés; porque o tempo foi uma bola de areia vinda comigo, envolta em algas e garrafas do Rheno

em todas as noites nas sebes das linhas férreas um comboio trucida-me no momento em que te consigo nos meus braços e te encontro por todos os lados, à minha volta, no centro da luz que irradio, possuído

nas casas altas e brancas surges na única janela para me apontares e fugir, olho a rua deserta, grito e lanças-te de cem metros para os meus braços, durante a queda o teu corpo torna-se amorfo, em poalha de neve chegas a meus pés

olho: na mão esquerda comprimo um aro de estanho e junto a ele formas de animais brancos vão crescendo

3

A LUZ nasce na boca. Percorro montanhas acosado num mundo de fontes vaporosas e lençóis brancos. Rastejo. Seguro nas mãos a fronte ensanguentada. Na ferida profunda um verme rói, produz globos azuis a rutilar através do sangue. O caminho empoeirado perde-se ao longe nas portas do burgo onde a vida, entre duas folhas de papel de arroz, destila para um vaso chinês da dinastia Yang - a penumbra.

Com o torso preso numa armação de vime, a cabeça envolta no cabo de aço dum funicular, revolvo-me para poente e para nascente, ergo na única mão liberta uma rude escultura da loba a babar-se de raiva. Retorno ao solo. Observo o festim do pó. Entoo alucinado a canção da infância.

Volto-me. Do interior dos globos azuis saltitam rãs com um dedo humano a penetrar-lhes o dorso. São os germes do vento. Pela noite, quando as casas adquirem perfil espectral, um braço (julgo ser teu) acaricia-me através dum pórtico em ruínas.

Desço. Nasceu uma lua violenta facetada de negro.

No jardim um busto de mulher humedecido mantém diálogo com a troupe dos homens sozinhos — a grande novidade do século. As vozes adquirem tons graves porque sob os seus pés um corpo lívido de água cristalina jorra. Periodicamente habito-o.

Entre mim e eles desce a fronteira de todas as convenções. O gato belo e feroz, prodigioso, certo da sua agilidade, dorme nos telhados ardidos.

Eu e a determinante de todas as causas vogamos na área idêntica à do ciclone que hoje — li-o nos jornais — devastou cidades entregues à mais febril actividade: depósito de velhos guarda-chuvas recolhidos em águas-furtadas.

Nos meus domínios, como é usual, ouve-se de minuto a minuto a minha voz (porque sou eu) a entoar as canções da infância, quando julgava que a deusa fora adorada pelos meus ascendentes. Mais tarde descobri-a talhada em granito, mesclada de papel de jornal, violada.

4

NA CIDADE de Palagüin
 o dinheiro corrente era olhos de crianças.
 Em todas as ruas havia um bordel
 e uma multidão de prostitutas
 frequentava aos grupos casas de chá.
 Havia dramas e histórias de era uma vez
 havia hospitais repletos:
 o pus escorria da porta para as valetas.
 Havia janelas nunca abertas
 e prisões descomunais sem portas.
 Havia gente de bem a vagabundear
 com a barba crescida.
 Havia cães enormes e famélicos
 a devorar mortos insepultos e voantes.
 Havia três agências funerárias
 em todos os locais de turismo da cidade.
 Havia gente a beber sofregamente
 a água dos esgotos e das poças.
 Havia um corpo de bombeiros
 que lançava nas chamas gasolina.

Na cidade de Palagüin
 havia crianças sem braços e desnudas
 brincando em parques de pântanos e abismos.
 Havia ardinhas a anunciar
 a falência do jornal que vendiam;
 havia cinemas: o preço de entrada
 era o sexo dum adolescente
 (as mães cortavam o sexo dos filhos
 para verem cinema).
 Havia um trust bem organizado
 para a exploração do homossexualismo.
 Havia leiteiros que ao alvorecer
 distribuíam sangue quente ao domicílio.
 Havia pobres a aceitar como esmola
 sacos de ouro de trezentos e dois quilos.
 E havia ricos pelos passeios
 implorando misericórdia e chicotadas.

Na cidade de Palagüin
 havia bêbados emborcando ácidos
 retorcendo-se em espasmos na valeta.
 Havia gatos sedentos
 a sugar leite nos seios das virgens.

Havia uma banda de música
que dava concertos com metralhadoras;
havia velhas suicidas
que se lançavam das paredes para o meio da multidão.
Havia balneários públicos
com duches de vitríolo — quente e frio
— a população banhava-se frequentes vezes.

Na cidade de Palagüin
havia Havia HAVIA...

Três vezes nove um milhão.

SETE POEMAS DE SOLENIDADE
E UM REQUIEM

A LABAREDA ascendente superando as auroras desvendadas: um altar iluminado onde crepitam sons leves, um rio correndo há milhares de anos para nós, alheios da nossa validade, mortificados, lúcidos, exaltados, estáticos, senhores dos melhores ácidos corrosivos, sábios do amanhecer nos arquipélagos, manipuladores das artes ocultas e raras, povoando ora os mais altos cumes ora o leito purificador das enseadas

exuberantes de todo o álcool das palavras, espectadores do próprio olhar nocturno, do infimo traço de vida que resta nos museus paleontológicos.

Nisto consistirá a nossa tradição e tudo o que de nós for ausente bastará um calmo gesto para o petrificar.

*

E bem dentro de nós um calor cósmico, opaco, tão íntimo que será o perfil arroxeadado, pleno de sombras das montanhas no Outono, as belas montanhas que nos centralizam como se fôssemos navios transparentes sem destino e sem ódios.

E o medo do desfilar de perfis adversos que nos afugentam da nossa verdadeira imagem como entes malditos

e toda esta prova de fogo, imutável, tão necessária a nós, errantes, esta meia-luz que cega mas também ilumina.

*

Hoje decorrido o tempo sobre a sucessão de múltiplos actos, esquecidos da profética lucidez das visões, soerguemo-nos num último alento como as maiores aves aquáticas que, feridas, vão morrer silenciosamente nas planícies.

Mas nunca será tarde para obter a dureza que cria o hábito de elevarmos em grandes gestos as nossas

mãos tão pobres, tão despovoadas que nos queimam a carne.

*

Estará bem longe de nós o quarto acto da purificação. Cedo será para distinguirmos as silhuetas das sombras, o ponto médio dos precipícios, a água e a noite.

Esperemos conforme os verdadeiros mantendo este mundo interior que nos define até que vejamos outra luz mais quente, até que ante os nossos olhos se descerre todo o conjunto de vendas espessas, todo o duplo movimento inverso da definição.

*

A hora capital surgirá aparatosamente com todas as dependências inerentes à sua qualidade, polarizando e enfrentando toda a substância — o pacto sinistro, misterioso, a fúria que nos qualifica.

Os nossos dedos alongados e penetrantes terão o dinamismo da sua potência primária; os nossos actos serão como longos cabos aéreos, elásticos e

transportadores; a palavra será leve, insuportável para os mortos, de som agudo, penetrante e insuspeito.

O nosso gesto terminará quando se estiolar a última luz e após a queda no mar dum animal ainda não existente, belo e translúcido, para os olhos conseguirem um brilho extraordinário idêntico ao que se avista no centro das mais belas tempestades.

*

Os habitantes das grandes cidades deslocar-se-ão lentamente na direcção assinalada inquirindo temerosamente uns dos outros qual o planeta escolhido.

2

OS GRANDES barcos de granito azul avançam marcando a sua época.

No mar
as velhas canções de música
petrificadas por estrelas velocíssimas
são a origem dos ciclones
(os jornais asseguram-nos a sua existência)
e nestas montanhas conscientes da sua fragilidade
os cegos rosados
lutam no bar das estátuas mitológicas
esgrimindo agilmente as facas.

Hoje repousaremos na rua deserta
os pequenos maquinismos de anulação do tempo
bem firmes entre os dedos
como anéis circunvolutórios
até que um sulco de areia penetre o mar e tinja as águas
e neste pequeno café da praia
outros homens povoem a fúria das ondas
e dos rochedos que são a nossa maneira
de descobrir veículos de amor.

A subtil invenção da tua epiderme
 a fragilidade obscura das tuas mãos
 será apunhalada ao amanhecer
 quando a nossa lucidez se fundir no horizonte
 e toda a turba rolando pelas colinas
 se suicidar com uma pétala sobre as pálpebras.

E a janela indicando-nos os signos de certos templos
 os murais de agulhas oxidadas
 a tua espantosa e inconsciente pureza
 de ser boreal
 presente em todos os viadutos dos meus gestos
 presente nas pedras desta antiga e odiosa cidade.

E toda a minha angústia para ti
 como os prédios em derrocada
 que são a tua permanente ausência
 o desespero de uma voz disseminada
 pelos clarões do tempo que teremos de viver.

Longe futuramente longe
 nas fugas geométricas dos museus
 na misteriosa cadeira lavrada dos contos policiais

na erosão da cama ainda quente do teu corpo
 as luzes extinguem-se lentas.

Creiamos.

Mas o frio desta geada de actos convenientes
 acorda a hora do universo
 a hora imperturbável de toda a fixação dos actos
 quando os rios apagarem o sangue desta geração
 das palavras de medo que não pronunciamos
 no banho de cinzas da nossa existência.

3

ESTA DÚVIDA atroz antiquíssima e alegre
 dum mito longínquo inaceitável e verdadeiro
 — a costureira pretendendo viver em Nova York
 revoltada do contraste idêntico
 ao da metafísica vulgo a fera-feroz
 com a filosofia de Erasmo O Sábio na Sombra.

Se bem que este axioma
 seja idêntico à relação inversa
 que levou Einstein ao encontro único com Platão
 num ponto desconhecido do Universo

teremos:

primeiro — a deformação geométrica do triângulo
 segundo — o homem despersonificado e morto.

4

NAS GRANDES linhas que partem para os horizontes
 onde tu caminhas à tarde agitando os braços
 nas noites nas nossas noites de derradeiro amor
 o meu cabelo em chamas anuncia no teu rosto
 a noite que abandona as montanhas duma certa idade
 e nos desfiladeiros onde se projecta até ao desespero
 é o cantar duma ave estranha
 no crepúsculo é a prostituída flor vermelha
 oculta nas vielas escuras da cidade
 onde as pontes cruzam as ruas em movimento
 e a tua imagem acompanha a sombra dos veículos
 nas vitrines o manequim bem vestido ou abandonado
 que as aves adoram ao amanhecer
 quando ainda adormecida nos areais
 os teus seios incandescem os meus múltiplos abraços
 nas casas a janela sempre fechada
 nos jardins o banco em ruínas
 e eu
 o mago extra-mundo
 mago fascinador e sempre mutilado
 a estudar quiromancia nas noites de desespero

e chamar a tua imagem
para a posse em que o acto sexual é a troca de um
cabelo.

Não a deusa ou o embrião
não o homem civilizado mas sim a mosca
dizendo que flor renasce quando surges
nas rotas nas longas muralhas
nas pedras onde o tempo grava os poemas
que os meus dedos tentam perfurar
na necessidade mítica dum desejo plausível
nos leitos onde todo o nosso amor for vivido
nas noites que as estrelas encaminham
nas águas da praia onde adormecemos
o teu ombro no meu rosto
as tuas mãos penetrando a areia
como o vento penetra os triângulos petrificados
os teus cabelos descendo até ao mar.

5

FIXEMOS a conveniência dos diamantes dispersos
dos largos campos de luz
onde os horizontes foram abolidos
a penetrante força que transporta na mão
a constelação das sombras ocidentais em chamas
esta luz esta mão totalmente nossas
possuindo-nos e envolvendo-nos na sua derradeira lu-
minosidade
com a significação de todas as pirâmides das ruas in-
quebráveis
dos veículos no ritmo do tempo do além-mar tumul-
tuoso destes dias
a ave da parábola do comboio de rosas japonesas
o facho parcialmente obscuro derradeiro
e no entanto vidente das zonas glaciares
olímpico certo poderoso.

As avenidas ocultam as estrelas vermelhas do mistério
a multidão sangra ávida das cinzas das construções
pois quem sabe — o manipulador-mágico
pois quem sofre — o simbolizado

terão de calar a voz abafar os próprios gritos
renascer e mutilar-se nas salas imediatas do exterior
decapitados ao amanhecer.

Hoje talvez nunca ler-se-ão os jornais de escrita árabe
os ruídos dos terremotos serão mais nítidos e potentes
a linguagem o braço evolucionando para um novo gesto
a síntese dos sortilégios oníricos
e vigília das revelações.

Não podemos lembrar a hora do raiar do dia
esqueceremos o que nos foi ensinado na infância
os amigos e as amantes serão assassinados
queimadas as cartas que nos ofereceram.

A hora da madrugada
a hora dos occipitais dos cadáveres na morgue
está próxima.

Dentro de nós o mágico severo do cometa policromo
das grutas
e exteriormente a nossa maneira de coabitar com monstros.
O caminho do muro a sudoeste da nossa força
indica-nos os ventos descobertos
o impenetrável sabor da areia cintilante do nosso
desespero.

6

AGORA que as bacantes
levantaram a mão assassina
as cabeças decapitadas dos orfeus
navegam no mar do próprio sangue
do sangue que cristalizado
será o vínculo demarcado pelos sacerdotes de
estranho rito
olhos enormes proféticos
abalando a inconsistência do Sagrado
do Irremediável
do Perdido.

Curva-te diante do meu gesto
gritador - sufocado das cavernas
médium - sofista da ordem dos templários
sapo - metafórico das ruas das casas dos cinemas
dos portos dos cafés
eritróstomo dos bordéis
escravo - recluso da minha força.

Aqui o meu pé subjugará os teus gestos
 e sempre que haja esta nostalgia
 e não seja ainda eleito o Celerado
 destruiremos todo o malefício da hipnose
 desta angústia assinalada nos oráculos
 — simbiose tão perfeita quão duradoura
 como só nós conhecemos.

O túmulo será o último festim dionisiaco das palavras
 — o Oponente desprezado.

7

NESTE dia meu amor
 os meus dedos são o candelabro que te ilumina
 o único existente.

E o homem
 sua esfera perdida em mãos alheias
 é o objecto de malabarismo
 o insecto
 voltejando cega a luz que lhe irradiam
 o límpido cristal corrompido
 o defunto.

E este patíbulo onde o próprio carrasco se enforcará
 eu o digo
 será erguido como símbolo de todos os homens.

Aqui a hora vai sendo longínqua meu amor e solene.
 O caminho é grande o tempo tão pouco
 tenhamos muita esperança e muito ódio
 e vítreas flores a ornar o teu cabelo

porque serei o homem para as transportar
e tu a última mulher que as aceitará.

E enquanto assim for
erguer-se-á a nuvem de múltiplas estrelas
a nebulosa
que dizem estar a milhões de anos-luz
mas não acreditemos bem o sabes
porque em verdade a temos em nossas próprias mãos
oculta para a contemplarmos agora.

REQUIEM

*Na circunstância de um Amigo que não morreu:
Mário-Henrique Leiria*

HOJE na luz dos teus olhos clareou o último reflexo
da limpidez das águas sob as pontes as mesmas
frágeis e curtas que tentaste reconstruir depois da
invasão dos fabulosos seres existentes nos teus
sonhos

eu não sei se foi nos teus sonhos — na tua boca eles
eram tão reais tão persistentes na sua infâmia e a
tua cólera tão verdadeira como só podia ser o teu
gesto

o teu desesperado olhar fixando as silhuetas diáfanas
que dançavam que perigosamente teimavam em
dançar.

Como sempre meu querido e pequeno mágico tu acer-
taste. As tuas profecias de ocasião não as ouvire-

mos agora mas somente agora porque a tua voz exaltada e livre não está connosco e não haverá hinos.

O Círculo de Fogo foi extinto e nos mares ou em qualquer outro ponto não importa houve um momento de silêncio uma minúscula areia incandesceu súbito irradiando uma luz quase imperceptível um grito quase sufocado breve.

Aqui querido amigo faremos precisamente o mesmo esforço dos afogados as ervas continuarão a nascer nos jardins as mesmas mãos desdobrarão ansiosas os jornais às vezes falaremos de ti.

Esta hora que teimamos fazer valer já nada significa. A floresta das imagens sonhadas vai-se dispersando lenta pelas ruas desertas e enevoadas destas cidades perdida para sempre.

E agora tão só nos conjuntos que fertilizam a terra periodicamente com o seu sangue como nas fornalhas rubras da devastação os gritos permanecerão difusos confundidos no ruído das máquinas guerreiras as larvas e os parasitas chegarão de madrugada.

E assim e sempre o foi nesta obscuridade serena em que os nossos olhos foram criados a nossa existência traída no crepúsculo das gravitações necessárias e periódicas.

Continuaremos a fugir de nós próprios justificando com exactidão todos os actos que não tivemos coragem de realizar desesperados de toda esta linguagem-menor que nos fica na boca amarga. Seremos belos e indecisos eternamente. E seremos pobres.

Tu agora sabes meu amigo como é a penumbra dos actos válidos conheces as fontes transparentes que como nós também tentaste encontrar na esterilidade aérea das praias sem mares dos oásis sem desertos.

Nas margens destes rios os cavaleiros de rosto encoberto continuarão a ser a única multidão válida e as armas que empunham estão tintas de sangue.

Há sempre um frágil homem de rosto triste mãos nos bolsos que eles rodeiam à noite como sabes e

abandonam-no no mesmo local pela madrugada. Ele fica ainda com os olhos feridos rasos de lágrimas e costuma falar comigo.

AQUI CONTINUAREMOS A MORRER
PORQUE NÃO SABEMOS. É ESTA A
NOSSA MALDIÇÃO.

ALTERAÇÃO DO ESTRANGEIRO

OS CARNÍVOROS

OS CORPOS repousam para amar. Sob a superfície volante das mesas as sombras transparecem. São asas mergulhadas nas cavernas. São poços de pequenos astros.

Pensaremos no peixe alado no símbolo erótico na força nas mais tenebrosas angústias desta existência de carícias de medo — este porvir anunciador de mais verdadeiras idades.

Paramos nas mergulhadas estradas do limite como se rápidas viessem ao nosso encontro sobrenaturais chamadas.

Paramos olhando perdidos sangrentos carnívoros que temem o fluir do sangue.

2

POEMA DOS DOIS CONTACTOS

UM MURO de espuma sondável raro perfume
 A trajectória curvilínea do teu dorso
 Perfura-me o tórax
 As minhas cem mortes odeiam-te cospem sangue
 O poder de percepção de certas imagens
 Há-o na nuvem rastejante e policroma
 Nos papiros hieroglifados que me nascem nos dedos
 Como solitária nota musical
 A poesia meu amor não a sabes
 Para ti os cabelos amarelos são a verdade
 A incontestada magia dos desejos
 Existem na montanha de pedra dos teus olhos
 Volatilizam-se no espaço - segundo de um astro
 Na posse de uma partícula entre duas vertentes — o teu
 sexo grande e farto

Possuo-te na beleza de folha prateada no poente
 dos meus braços
 Possuo-te na violência de lince que se lança na
 clareira cercada

Meu autofulíarco pantuásico

Minha dulcidémia amazónica

No leito de conchas verdes — o vento
 A pérola brilha-te nos seios goteja
 Há silêncio petrificado nas ruas
 E o corpo de uma virgem moldado pela lava-peça
 clássica de museu (um jovem estudante
 sonha em Pompeia o desejo realizado fo-
 tograficamente e a morte)

Meu amor

Talamúan fúlgido sonoro

Amante coroada de esperma

Amor

3

EM HERMES

NÃO DIREI que os incêndios duma minúscula cidade
 Já arruinada antes e depois deste encontro
 Selam-te o corpo
 Não direi o que as tuas mãos me revelaram
 Cruzadas no peito e alheias
 Mas esse deslumbramento
 Teve a radiação dum acto precioso
 Direi que este olho imóvel europeu asfixia
 Quando amas
 Pronunciando palavras secretas

Desconhecemos se será crescer envolver ou estar
 Numa paragem que não nos significa
 Que nos assombra
 Ardente
 Em mil encontros renascida
 Maravilhosamente sedenta
 Deste instante exacto de transfiguração
 No antro medieval

Um lampadário ilumina-nos deixando na obscuridade o
 trajecto percorrido: duas grutas rectangulares exactas
 ornadas de símbolos idênticos. Uma criança procura
 desligar ferozmente os membros relegando-os à sua
 função objectiva; e ainda — mas será sempre cedo — o
 revólver de aço azulado dispara-se quando a nuvem
 nos sobrevoa vinda do sul quando nos chamarmos
 gritando pelo nome de astros protectores
 quando usarmos uma pequena cápsula de
 platina para vibrar nas órbitas
 o círculo contendo o triplo segredo da ma-
 ravilha desligar-se-á num único ponto e em
 dois extremos: à direita a mão firme de
 Hermes; à esquerda o moribundo, peito va-
 rado por uma flecha.

4

COMO TOMBA O DESTINO

VÊS o interior do destino tombar
 Queda de caixas metálicas da noite
 Queda de corpo em dia extinto

Três automóveis negros são
 Três na estrada aguardam
 Paralelamente

Na realidade da prisão
 Da morte em baixo
 Inabordável especialista do mal
 Trazes vestes de horizontes
 Pelo interior dos monumentos
 Pela tarde fugidias
 Da água chegam flores calcinadas
 Sonhamos com um nó entre as espáduas
 São de ferro são de frio
 O rio foi adivinhado

Em honra dos infernos
 Densa luz ilumina
 O curso dos astros

É um deus
 É o cortejo das margens ardentes

5

ALTERAÇÃO DO ESTRANGEIRO

EIS finalmente este leito de moluscos
país insólito de campanulas fosforescentes
radioactivando-nos na sua mesa de cristais
país das fontes cautelosas
das florestas móveis do contraponto.

Ei-lo
e só temos para nós este silêncio
quando provocamos os insectos da tragédia
o carnaval frio das palavras
nénia entoada pelo pobre desencantador das vírgulas
mão trémula idolatrando o pó da infecção.

Está aqui acaso não reconheces?
É bem certo que a partícula da saliva lhe deformou os
olhos
e os braços estão exaustos de abater lustres irreconhe-
cíveis.
Mas não importa é ele.

A porta o louco espera o momento oportuno de sorrir
e mais valerá que os relógios paisagísticos se alterem
mesmo que a fotografia (ex-estátua decepada)
nos exiba a inconfidência do desencontro.

Valerá mesmo que a água encontre o seu caminho.
Que os esquemas dos aviadores tenham o seu oculto
significado
ou até que a porta se abra ruidosamente.

Deste lado estaremos nós
como as lâmpadas dos pescadores no Mediterrâneo
como os crânios antevistos ao fim da tarde
nós os doentes epidémicos das cidades.

A febre queima-nos
é o contacto dos objectos da manhã
a cadeia de ouro nos pulsos de Henry Miller
o arsenal dos paranóicos
a acordar com a morte nos olhos
coração inundado por um líquido mais denso.

Todos os dias nos interrogamos
onde começa ou acaba este jogo mesmeriano

o término desta locomotiva
deixando-nos loucos
como as mães que procuram ferindo os inimigos.

Dispersos ao norte ou ao sul
entre a estátua de bronze de Mercúrio
no caudal do Lima
o nosso encontro sucederá no mar
a terra adivinhada como uma grande montanha.

Diremos

palavras de ódio de tristeza de fascinação; palavras de
rancor de deslumbramento de ternura; palavras de
sangue de comédia de destino de morte; palavras
inquieta excessivas; palavras de amor palavras
precisas eufónicas; palavras de magia de destruição
de profecia

será admitido o nosso afastamento
acabaremos sob um céu que nos transforma
diremos sim
para reduzir o tempo
para que os signos dos amantes possam prevalecer.

Chegará a noite
expugnada noite oceânica
das deformadas estrelas que nos cegam
o refluxo branco e cinzento
as nuvens aspiradas pelo tufão sobre o nosso rosto.

PEQUENO CICLO DO TEMPO

Para a Maria Lúcia

INTRODUÇÃO AO TEMPO

1

ONDE estavas floresce o teu mito. Aparentas o rosto, o amplo e severo gesto da mão apanhando no ar o objecto incólume, com galhardia, sem ostentação.

Rodeias-te dos punhais de aço cristalino, das automáticas granitadas e puras — um arsenal azul-aço e cobre corolando fogos-fátuos de gestos contidos — a esperança do ver e tactear o radiar do tempo. Vês como é fácil? Abre o leque aracnídeo dos telhados, adivinha a digitalidade destas colinas já ensombradas, decapita esta poalha cinza e ouro.

Alongaste-te nos indivisíveis mistérios da rota, pelas baías mansas e coralinas afagadas de sol e panóplias de cristais, encobrendo espectros de cimitarra à cinta, turbantes, esmeraldas e arcas, arcabuzando a linha do horizonte com seus arremedos e gritos guturais nas enxárcias.

Vês como é fácil escamotear a onírica verdade?

2

Na senda ondulada do asfalto alguma coisa te cria, inverte. São os traços convulsos da morte, a ladainha biológica que sabes. Cada descoberta que fazes é a antecipação do dia imediato, garras de aves esgaravatando o chão de sílica, em espasmos, a conspiração acre e dolorosa de viver. No tempo estás fluido: a bússola que tens no coração volteja o teu infinito, é o teu sangue perdido, quando acaricias o destino em exaltação, escorrendo neste rio que goteja na nascente — a aurora dos sábios — um líquido espesso e feroz que corrói os tecidos de cardos roxos, a película que volteja no ar fino adejando ao ritmo que compassas. Ergues-te sorridente e caís.

3

Será que este instante te acomoda no tempo? A desvanecer-se como o tufão que mercuriza os ilhéus, um trigo lento e milenar em germinação, a pirâmide que se anguliza.

Somos cúmplices, onde o rosto desponta e devora e surge a cidade submersa da infância, há um calor tão denso quanto é estridente, rumorejante, a tua memória.

Sentes no teu dorso o escaninho que conduzes? Avalias o que isto cala para a jornada? Contém gestos e palavras. Alucina-te, mas silencia. Corrói-te. No invisível despontar das sombras compassa o futuro, dilacera lentamente o pão. Alonga as facas que cristalizam os gestos. É já o momento chegado. Aguarda ainda, não soltes os cães da noite, as esponjas envolventes, nas áleas de choupos que bordejam os pequenos rios, sê contido até cercares, interrompe a dor que te sobe no peito, a crisálida da fúria. Ataca.

A PARCIMÓNIA DO TEMPO

I — *A adolescência do pão*

NO MAR DE PEDRA os contornos são horizontais. Mergulho os meus espaços e as minhas sombras em regularidade pendular. Quando me avisto já estou catapultado no vento — o vento que abre crateras e despeja o infinito. Inicia-se o ritual esperado: a montante do rio do mar esbatem-se os perfis; no sul há um rasto incandescente que caldeia os inofensivos, ferozes peixes abissais. Há um esturjão que voga quase à superfície, ciclicamente prateando as suas placas ósseas de cristais.

É o projecto da manhã, a onda vaga e doce que metamorfoseia, que anula. A descarga eléctrica dos antepassados.

Mais há: o conflito dos ventos, as soberbas manhãs com poalha de espuma, o horóscopo modelado nas areias, volátil. E a ave negra que penetrando na vertical o mar emerge nas corolas e deixa-se embalar no desperdício da cidade.

Onde estão as recônditas furnas, o tempo procurado? Olho-te, vejo na teia do teu rosto um pergaminho indecifrável, as metástases que trazem o galopar dos cavalos, o sangue informe, jugulante, dos cães que ao meio-dia penetram em matilha a cidade alvoroçada de pavor.

E não só as estátuas estão presentes. Todos os dignitários se ergueram e vão distribuindo com parcimônia a moeda circular, um aro, que contém os pólos que a anulam: na face o símbolo de Mobius, na altura o cunho anilado da superfície transparente.

E este comércio florescente transporta. Vejo-te sôfrega, a boca carnuda e carmezim floreada dos insetos que a devoram — um fácil mecanismo que conduz na longa estrada de saibro amarelo o incandescente corpo do satélite.

Cicatrizo a adolescência do pão, um minério onde se anulam todas as forças da arquitetura da cidade. Sopesa os frutos, as longas distâncias que para mim convergem, a simetria de te afagar e logo ver-te no repouso esponjoso da manhã tórrida e fugaz. Estás longe e perto. Estás.

*

O manto de pano verde agita-se. Onde há luz soa em longos búzios a melopeia lunar, aquela que estremece e renuncia, a que se petrifica. Adormeço emoldurado onde me acontece.

2 — *O canto da vitória*

A HORA apagara-se no próprio som. A nave abordara a cidade escoando as longas vitórias que a trouxeram. Há um mar de chuços, de objectos diluentes — os que se usam nos acontecimentos solenes, os mitos reais, as formas esféricas que projectadas na brisa fazem crescer os insectos nupciais, o ritual dos cavaleiros que já circulam nas colinas.

O granito agudo dos cubos é a esteira do cortejo onde a multidão em festa traça longos fios policromos apetedendo-lhe a infusão longamente preparada.

Estão aptos e ágeis. Talvez dormentes: o espasmo deu-lhes a noção da verdade esperada. Não hesitaram. Como corcéis desvendavam as rotas do Norte. Ao estacarem já havia sulfurosos gases modulando. Os homens chegaram e a cidade resplandeceu de cores.

Aconchegado na gávea do mastro escolhi o ângulo mais favorável. Vi-te perdida na multidão, entre os gritos de raiva quando a vaga lentamente empurrava a terra e, gélida, contaminava os caules, as fontes virgens. Alta como está.

3 — *Já, a manhã*

SOÇOBRANDO, no último alento, ergueu o braço sonhando no cérebro a longa chicotada da noite maléfica.

Ergui-me ponteando a crista das montanhas, fundeando no mar as arcozetas cinza-azuladas — os neófitos do tempo. Eles vinham, dextros do seu corpo musculado, guiados por longos e indescritíveis animais antelineuanos, seres figurando no meu diário íntimo, faróis para tempos próximos, ainda não adivinhados.

Fazendo circular o gesto do meu braço direito introverti-me na furna onde acontece a dissolução. Relanceando avisto a nuvem sibilina tão transparente que acompanha a jornada dos homens-esfera. Entrechocando-se formulam avisados murmúrios: viajantes intemporais, objectos que se desagregam, um pálido sorriso da adolescente semidecapitada e, então, a forma descomunal e solene do Grande Occipital Maciço, a tenra planta dos murmúrios ribeirinhos, um tungsténio capaz de esquisitas fórmulas reproduzidas.

Já, a manhã. Corcovos de colina erotizados, um cheiro acre, quase sulfuroso. Se olhei as mãos — foi

apenas um reflexo. Adivinhei a súbita transgressão da presença de outro ser.

Para onde caminharíamos? O Conselho deliberou pela anulação. Conduzidos pela senda (misteriosa relação) defrontamos o que se avizinhava: as esponjas ciclópicas sorviam atmosferas, um denso metal opunha os seus átomos. Com uma lentidão fílmica os nossos rostos receberam a leve poalha da chuva e, subitamente, ergueram-se auscultando o ciclo do vento, a voltagem dos passos chegados.

Exigi-me como refém.

*

A Caverna Na Mão. O longo comboio de mercadorias penetra o túnel. Rastejo num vagão jota. Um dedo prolonga-se já muito além dos outros. A carne corrói-se, vejo o delírio deste meu objecto-mão, a dextra considerada sob observação, um odor macio de putrefacção, uma lepra que assenta na memória, o peixe sangrento que faço irromper da água. E, ondulante, um manto imenso, verde a refulgir, estende-se ao longo da praia, submerge rochas.

Nas ravinas das arribas os Homens Ósseos aguardam em repouso, em pé, as longas lanças erguidas

Observo-me deslizando no funicular: ondulação normal dos cabelos, regeneração óxida do horizonte, o caule anestesiado na exacta dimensão, o plexus solar comprimido sob o afluxo de tintureiras e anémonas.

Abordamos então a zona discreta das amendoeiras. Era um longo rastejar de animais insignificantes, mesmo discretos, sem limites desbravando o horizonte próximo do afluxo da maré.

Sobreviverão? Quem o sabe? A indecisão é fruto da manhã.

4 — *Os aparelhos da infância*

A ROSA espessa e plúmbea é uma outra memória. Liquefaz-se. Uma alquímica infusão. Os cavalos doirados irrompem no recorte das colinas. Manifesto o meu incontido desejo — são selvas, o trote das cabras selvagens, o afluxo matinal e descritivo destes dias, diário alucinado do futuro.

Fulminado onde derivas tu?

Na margem, no ocidente, reverbera o longo dia. Fogem ritmados os insectos quando a adolescente, rápida, na calma matinal, afoga nos difusos lagos os tentáculos que nascidos já crescem.

5 — *Automemória*

FINGE-SE de morto. Olhos brilhantes, envolvido no linho cor-de-areia, salta sorridente na erva.

A Pirâmide abra-se para os ritos da manhã — na funda boca ogivada caminhavam seres diversos, esparsos mas persistentes. Não só adivinhavam a fonte próxima como, transformados, deglutiam insectos nobres de cor metálica. Era o rito róseo, tacitamente aceite e contemplado. Onde os levaria?

Volteou no seu gesto de morto-fingido observando-se longamente na fractura solar. Espelhava, convidava-lhe. Recolheu os objectos que o rodeavam: covos de vime, relógio do sol, a borboleta dissecada da Austrália, a violeta azul-japonês, o esqueleto do segundo ciclóstomo.

Os vapores apontavam para nascente, fluíam, rastejavam longas árias: assim se ergueu, sentindo-se lento mas forte como as chaves de areia.

Adormeci-o. De início resistiu. Afaguei-lhe o corpo, massajando-o. Cimentou-se. Sacudiu o longo tronco rectilíneo a esquivar-se. A luz ofuscante cegou-o. Debatendo-se descaiu-lhe da mão ferida o seu objecto acompanhante — a sirene artesanal que gemia e, ressoando

no ar nocturno, abafava a cidade com sons sulfúricos,
argila e penas de aves.

Combinava o seu mistério com o horizonte.

Quanto sofreria?

«A Cidade
de Palagüin»,

de Carlos Eurico da Costa,

foi composta manualmente em caracteres Elzevir do corpo 12 pelo artista tipógrafo José Apolinário Ramos e impressa em Dezembro de 1979 na Tipografia Ideal - Calçada de S. Francisco, 13, em Lisboa; tiraram-se 1100 exemplares, dos quais 100 fora do mercado, ao preço público de 120\$00.